

Jesus que Vive em Maria

Nº 39, julho de 2021

Boletim Mensal de Formação e Informação - Associação Maria, Rainha dos Corações

**Um Centro
de Associação**

ASSOCIAÇÕES

NA CROÁCIA E NA POLÔNIA



A seguir, uma partilha de experiências sobre a Associação Maria Rainha dos Corações na Croácia e na Polônia. Ela foi escrita pelo Pe. Mihovil (Michel), um Missionário Monfortino que, de Czestochowa, viaja para muitos países europeus para difundir a espiritualidade. Ele próprio é o diretor espiritual da Associação nestes dois países.

por Pe. Mihovil (Michele) Filipovic, SMM
Missionário Monfortino na Polônia





A Associação na Croácia

A presença monfortina na Croácia começou em 1976, com o Pe. Luka Cirimotic: ele tinha um grupo de leigos que se reuniam todas as semanas em nossa casa aos domingos. A reunião tinha por finalidade a Adoração ao Santíssimo Sacramento e a oração do rosário. Com a criação da Comunidade em 2001, passamos a seguir essas pessoas leigas que já haviam pronunciado a consagração de acordo com a nossa espiritualidade; com isso, através dos grupos de oração que formamos, outras pessoas se juntaram à Associação. Enquanto isso, imprimimos os estatutos da Associação e começamos a incluí-los no Registro. Durante 9 anos, antes de partir para a Polônia, tivemos **cerca de 450 membros**. Então, o Pe. Milenko Susac era o responsável pela Associação. No momento, não há um diretor espiritual que acompanha o grupo. Veremos nos próximos dias como essa situação poderá ser resolvida.

Durante minha participação na Associação, tivemos reuniões duas vezes por ano, uma em Zagreb e outra no sul da Croácia (Imotski). Duas vezes, os membros se juntaram às peregrinações a Lorette participando do "Retiro Espiritual Monfortino" e uma vez no Encontro Internacional em Saint Laurent-sur-Sèvre na França. Eles também financiaram a tradução do Tratado da Verdadeira Devoção para húngaro, macedônio e albanês, e também tivemos a apresentação do Tratado, como decisão comum desses países.

Eu acho que há muitas possibilidades de animar os leigos nessa dimensão, mas é preciso ter disponibilidade para cuidar deles em tempo integral, com ideias e muito carisma para apoiar essa Associação.





Associação na Polônia

Minha presença na Polônia começou em 2010. Eu estava ligado à Comunidade dos Irmãos de São Gabriel. Através do apostolado e especialmente com os retiros espirituais (durando três dias) que levei à casa de Czestochowa, começamos a espalhar a espiritualidade monfortina. Vendo que as pessoas queriam estar mais ligadas à nossa comunidade, imprimimos os Estatutos da Associação Maria, Rainha dos Corações e começamos a fazer o registro. Desde os **primeiros membros em 2013 até hoje, temos cerca de 1450 acolhidos.**

Graças a essas pessoas, tivemos a oportunidade de pregar retiros em suas paróquias (até agora cerca de 15 paróquias em diferentes partes da Polônia). Uma vez por ano, temos uma reunião de três dias em Czestochowa, para os membros, para lhes dar a oportunidade de compartilhar a jornada que todos empreendem em seu próprio contexto de vida. Muitas dessas pessoas fazem parte dos diferentes movimentos (a Renovação Carismática Católica, a Legião de Maria, o Caminho Neocatecumenal; também se uniram a nós freiras, religiosos e padres).

A pessoa que coordena, através da página web, com os outros membros, é o **Sr. Artur Dobrowoski.**





Durante quatro anos, a partir de 2016, a Comunidade tornou-se dos Missionários Monfortinos. Atualmente, há três pais que fazem parte desta comunidade. As atividades estão progredindo gradualmente.

Desde este ano, o Pe. Nikola começou a organizar reuniões aprofundadas sobre a espiritualidade monfortina para algumas pessoas. Isso pode levar à criação de outros centros regionais. Há muito trabalho, mas há poucos trabalhadores.

“““

Vendo que as pessoas queriam estar mais ligadas à nossa comunidade, imprimimos os Estatutos da Associação Maria, Rainha dos Corações e começamos a fazer o registro.



“““

.... Isso pode levar à criação de outros centros regionais. Há muito trabalho, mas há poucos trabalhadores.

Não temos um programa específico, pois há muitas atividades que nem sempre podem ser conciliadas e dirigidas. Às vezes há uma falta de clareza na conduta das pessoas, para saber se elas já estão nos outros movimentos, ou se estão longe da nossa comunidade, mas sempre tentamos encontrar um ponto esclarecedor para os membros.

No futuro, vejo que há muita possibilidade. Certamente para os futuros Missionários Monfortinos poloneses, será um terreno fértil para um enorme apostolado.

Isto é, do meu lado, uma breve partilha. Muitas saudações fraternas, em Jesus e Maria. DEUS SÓ! ■

Iluminação Missionária

MONTFORT E MONFORTINOS NOS TEMPOS DA PANDEMIA

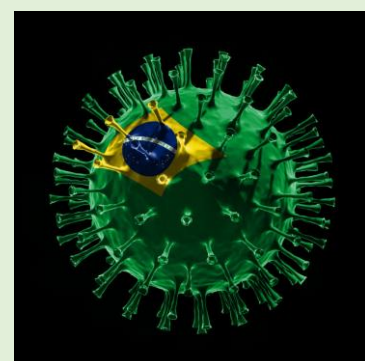


**Por Padre Luciano Andreol, SMM
Missionário Monfortino no Brasil**

O padre Luciano Andreol, SMM – autor deste artigo – é um Missionário Monfortino da Itália que, desde sua ordenação, abraçou a missão da Delegação Perú-Brasil. Esse artigo profético e ardente revela que o Pe. Luciano conhece o coração das pessoas. Ele continua a ser um missionário que encoraja as pessoas nestes tempos difíceis da pandemia a abrirem os olhos para as perspectivas do futuro. Ele dá todos os elementos de sua reflexão neste artigo a um "missionário apostólico": Luís Maria Grignon de Montfort.

Hoje o nosso Brasil está imerso numa catástrofe humanitária. O País, que há pouco mais de cinco anos era um exemplo de combate à pobreza, de luta contra as desigualdades ... em pouco tempo se tornou um inferno, para os brasileiros e para o mundo. Morrem mais de 3 mil pessoas por dia de pandemia, morrem outros tantos, anonimamente, de fome, outros tantos pela violência cotidiana e do narcotráfico. Se morre mais do que se nasce no Brasil. É a nossa realidade cotidiana, de quem é missionário numa paróquia de periferia de uma grande metrópole como S. Paulo.

Não entro nas perguntas: porque? Como se chegou a isso? Quem são os responsáveis? Etc. Outros responderão. Só, me faço uma pergunta, e me faço esta pergunta desde alguns meses do início da pandemia: **que diria e que faria Montfort nesta realidade? Como ser missionários monfortinos hoje nesta realidade?** Não tenho respostas: só penso e escrevo algumas reflexões e alguns elementos. Quem sabe, nos ajudem a pensar melhor a nossa presença aqui neste pedaço de América Latina.



1. QUANDO VOLTAREMOS AO “NORMAL”?

O Papa Francisco já respondeu várias vezes a esta pergunta: o “normal” de hoje e de amanhã não pode ser o “normal” de ontem ou de sempre. Não podemos voltar ao “velho” porque o “velho” não voltará mais, não como era antes. Hoje se fala de “novo” depois da pandemia. Mas se este “novo” for o “velho” com roupa nova, não servirá para nada. É a velha lógica do “Gattopardo”: MUDAR PARA NÃO MUDAR NADA. Então o “novo normal” deve partir de nós, do nosso coração, da nossa conversão (Em Aparecida falamos muito de “conversão pastoral”: o que fizemos até agora?).

Não podemos fazer o que fizemos até agora. Gastamos tanto dinheiro para construir igrejas, salões imensos, centros pastorais e outros centros: todos muito bonitos e lindos, tudo feito com muito amor e carinho, com responsabilidade, junto ao nosso povo: e agora? Ainda servem? Às vezes, nós, os Padres, choramos lágrimas de crocodilo, porque as entradas são poucas e as dívidas aumentam! Mas nunca nos faltou algo na nossa mesa e nas nossas casas! Ao contrário de tanta gente nossa que está sofrendo, tantos perderam a vida e muitos outros o emprego. Muitos não têm o pão de cada dia nas mesas!



“““

Gastamos tanto dinheiro para construir igrejas, salões imensos, centros pastorais e outros centros: todos muito bonitos e lindos, tudo feito com muito amor e carinho, com responsabilidade, junto ao nosso povo: e agora?

2. O ESSENCIAL

Acho que temos que mudar o nosso modo de pensar, refletir sobre os valores importantes da vida e procurar sempre e só o ESSENCIAL. Que exemplo temos do nosso Santo Fundador! Os especialistas poderiam citar textos e páginas inteiras da vida e das obras do nosso Santo: como ele soube viver o essencial. E nós, os seguidores de Monfort, hoje? “Essencial” é a palavra usada nos protocolos de vigilância sanitária: deve ser usada na nossa missão, na nossa pastoral e na vivência das comunidades. Tudo o que fizemos até agora e a maneira como o fizemos era certo? Serviu para criar comunidades verdadeiramente cristãs de discípulos e missionários? São tantas as perguntas que entram no meu coração, tantas sem respostas, mas acredito que vale a pena ter a coragem de nos perguntar e reconhecer que algo “novo” tem que acontecer mesmo não sabendo no que consiste e como fazê-lo acontecer.



“““

Acho que temos que mudar o nosso modo de pensar, refletir sobre os valores importantes da vida e procurar sempre e só o ESSENCIAL.



3. OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

Chegamos ao ponto que as pessoas de nossas comunidades que nunca tiveram problema de comida em casa, hoje elas têm vergonha de pedir uma cesta básica. Antes eram os pobres “de sempre”: hoje são os pobres empobrecidos por esta pandemia. Os ricos conseguem ficar mais ricos as custas dos pobres cada vez mais pobres. Monfort amava tanto os pobres que se fazia um entre e como eles.

Pobres são os pobres do dia-a-dia, infelizes, choram, sim, porque não tem comida, saúde, educação. **“Abram a Jesus Cristo”**, grita Monfort e Jesus Cristo são eles: sem casa, sem terra, sem comida, sem emprego, sem educação, moradores de rua, crianças abandonas, mulheres violentadas, salário miserável, explorados, perseguidos, machucados, não amados. Nesta situação dramática como é bonito ver que a SOLIDARIEDADE VIROU A VERDADEIRA RIQUEZA DOS POBRES.

A sala de entrada na nossa casa paroquial se transformou em SALA DA PROVIDÊNCIA. O pobre sempre aumenta; sempre coloca um pouco mais de água no feijão. O “novo normal” será também este para os monfortinos: nunca negociar com a vida dos nossos pobres. Eles são os nossos preferidos e privilegiados.

Te chamarão de comunista, com certeza, mas opção preferencial pelos pobres é Evangelho e é Monfort.



4. MISSIONÁRIOS: ITINERANTES OU PRESENTES?

Podemos também dizer: itinerantes sempre presentes. É verdade que Monfort, nos poucos anos da sua vida apostólica, conseguiu realizar mais de 200 missões paroquiais e populares, devorando muitos quilómetros, mas que faria, hoje? Não podemos visitar. Temos que ficar em casa ainda por não sei quanto tempo; temos que evitar aglomerações etc. De outro lado encontramos na nossa vida pastoral missionária numerosas famílias enlutadas que perderam um ou mais entes amados por causa do Covid 19. Por medidas sanitárias não foi permitido aos parentes ver a pessoa que morreu; levada diretamente do hospital para o cemitério sem autorização de velórios e de orações.

Temos também muitas pessoas que conseguiram vencer o vírus saindo vitoriosas de uma UTI onde ficaram entubadas por várias semanas. Todas estas pessoas têm sequelas e consequências graves: precisam de ajuda, querem desabafar, foi terrível o vivido. Precisam da nossa presença. Neste tempo de pandemia experimentamos que muita gente perdeu O SENTIDO DA VIDA, a alegria de viver e amar. Aumentou o número de suicídios por todas partes, também entre os padres. O que fazer diante da perda do sentido da vida? Tal vez não se trata de fazer, mas de ESCUTAR, ter e perder tempo para escutar, parar de falar e sentar para escutar. E elas não tem horários, sempre. Temos que reinventar a nossa proximidade com as famílias enlutadas organizando a missão da ESPERANÇA e aquelas deprimidas temos que nos aproximar ESCUTANDO. Esperança e escuta fazem parte da nossa missão hoje.

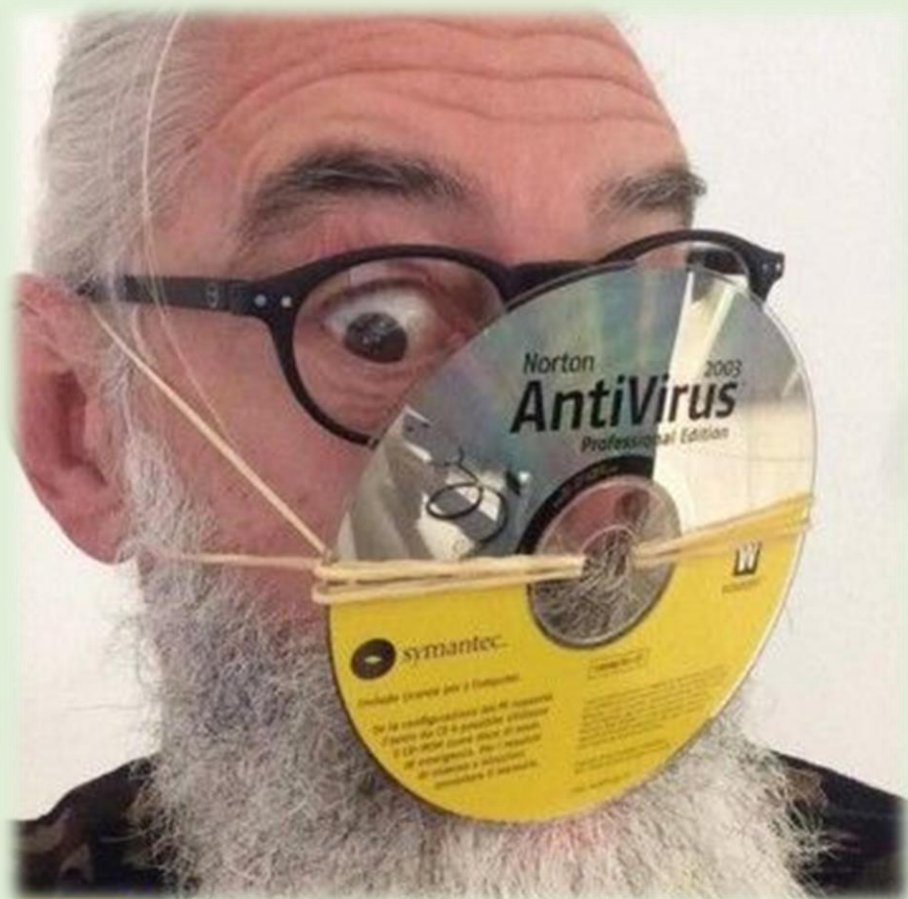


5. FAMÍLIA, IGREJA DOMÉSTICA – PEQUENAS COMUNIDADES – CEBS

Foi e ainda é muito bonita a experiência de rezar em família. **Parece que o nosso povo recuperou a vontade e a fidelidade na oração e de uma vida espiritual mais profunda acompanhada de maior e melhor conhecimento das verdades da nossa Fé.**

O nosso povo está com a Bíblia nas mãos e no coração, pronto para sair assim que a realidade o permita. Aqui o nosso Monfort estaria muito feliz: quanto tempo dedicava à intimidade com Deus! E o tempo dedicado a Deus nunca será um tempo perdido! Duvido que voltarão tão rápido os tempos das grandes concentrações e aglomerações de povo dentro das nossas igrejas assim como procissões, mutirões etc.

A família será o lugar privilegiado dos encontros da fé. E com a família as pequenas comunidades ou as comunidades de base. Como missionários penso que temos que sair das nossas casas e igreja matriz para ir ao encontro das pequenas comunidades celebrando e nos fortalecendo como discípulos e missionários. E inventar novas maneiras de evangelização, de preparação e celebração dos sacramentos; oferecer espaços de oração e de direção espiritual ... São tantos os desafios para estes tempos pandémicos: a criatividade, a coragem de mudar e a audácia de sempre novas e melhores iniciativas têm que nos acompanhar sempre.



“”

A família será o lugar privilegiado dos encontros da fé. E com a família as pequenas comunidades ou as comunidades de base. Como missionários penso que temos que sair das nossas casas e igreja matriz ...



Quase terminando: pensei e continuo pensando muito sobre uma nova maneira de presença monfortina no meio do nosso povo e como sermos missionários nas novas realidades. Não tenho respostas suficientes nem receitas. Não sei ainda como recuperar o tanto povo que se dispersou durante a pandemia e sobre tudo **A JUVENTUDE: como trazer de volta os jovens?** Será que os jovens estão gostando de “assistir” a missa no facebook ou em alguma TV? E como retomar os encontros, a proximidade, os abraços, sem medo de aglomerações? Nem todos vão voltar. E a igreja que antes tinha que ser EM SAÍDA, agora vai precisar sair ainda mais disposta.

Penso que para mim como para muitos padres e agentes de pastoral, este tempo de pandemia não foi tempo de descanso. Foi tempo de se reinventar, sofrer, errar, sentir medo enquanto todos esperam que vc seja corajoso Isso desgasta também.

O fato de abrir e fechar igreja, preparar ou não saber como preparar uma agenda pastoral ou uma escala de celebrações porque não sabe se pode ou não pode; tudo isso cansa. E te ligam em continuação que um perdeu alguém da família, o outro está internado, outro na UTI, outro entubado, outro está indo para o cemitério ...

Também o Padre é humano e ele também sofre e chora junto com você. Está sendo muito difícil para você, mas para o Padre também. Tamos juntos! ■



**Iluminação
intelectual**

O Cancioneiro (canzonière) de São Luís Maria Grignon de Montfort

*Vinte e três mil versos
que anunciam o evangelho aos pobres*

Este presente artigo do Pe. Alberto Valentini, monfortino e ex-conferencista em várias universidades pontifícias em Roma. Ele foi publicado no jornal do Vaticano, L'Osservatore Romano, em 28 de abril de 2021, por ocasião da festa de São Luís Maria Grignon de Montfort. No pano de fundo deste artigo está o webinar sobre os Cânticos de Montfort realizado de 1º a 18 de fevereiro de 2021, graças à Comissão de Espiritualidade.

O autor destaca o significado dos Hinos Monfortinos no contexto missionário em que Montfort se encontrou e seu valor para a Igreja missionária hoje.

O "Canzonière" é uma palavra adaptada da língua italiana para descrever a arte de versificar as canções, neste caso aqui, para hinos.



por Alberto Valentini

Fonte: L'Osservatore Romano, 28 de abril de 2021

A memória litúrgica de São Luís Maria Grignon de Montfort nos convida a refletir este ano também sobre sua figura e suas obras, algumas das quais pouco conhecidas.

Montfort é universalmente conhecido por sua espiritualidade e doutrina mariana: "Quem não conhece o Tratado da Verdadeira Devoção à Virgem Santíssima ou o Segredo de Maria? E ainda, se seu grande título de glória permanece o do apóstolo de Maria, sua missão e sua graça vão além da dimensão mariana - essencial - de sua experiência e sua mensagem" (Raymond Deville).

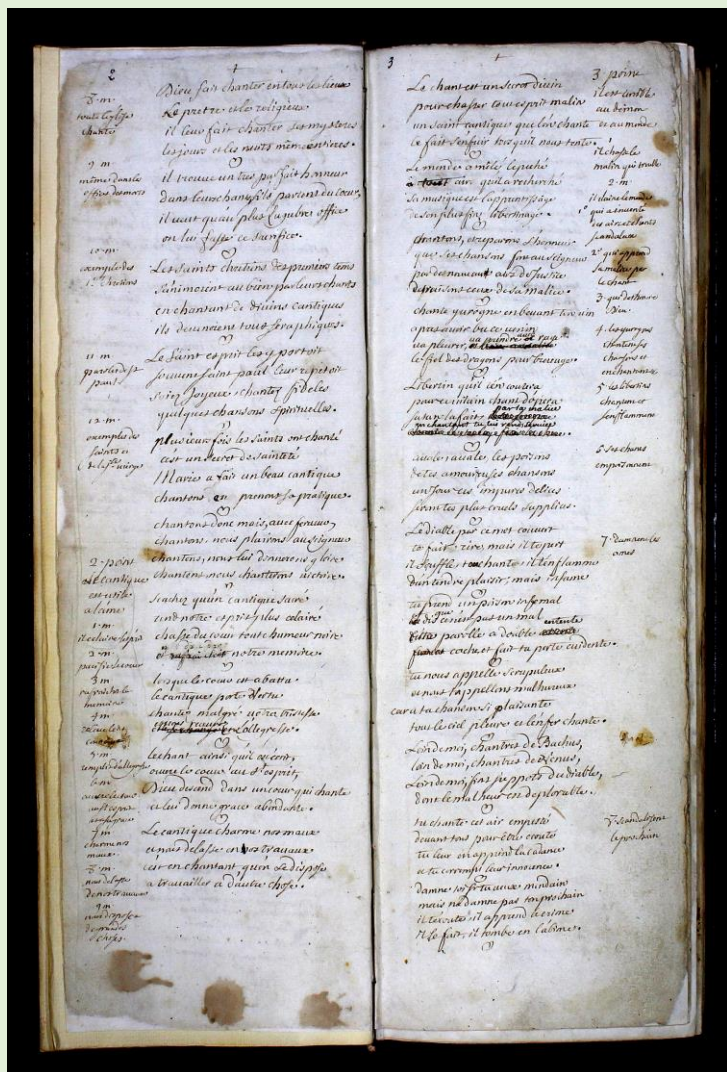
Passando pelas 1905 páginas da edição oficial de suas Obras Completas (Paris, 1966) e a variedade de títulos que os compõem, como o importante tratado O Amor da Sabedoria Eterna, a Carta aos Amigos da Cruz, O Admirável Segredo do Rosário, e a bem intitulada "Oração Abrasada" que é um grito apaixonado para a Trindade para obter missionários, e dado o fato de que este homem viveu apenas 43 anos, engajado em tempo integral à missão – com a adição de uma viagem a pé a Roma para consultar o Papa - está profundamente impressionado com a qualidade e quantidade de seus escritos.



No entanto, nem todo mundo sabe que entre suas obras há também um impressionante livro de hinos de 23.000 versos, composto para fazer as pessoas cantarem nas missões. Uma imensa obra poética, com rimas alternadas, com o objetivo de imprimir as verdades da fé nas mentes e corações das pessoas e induzir a conversão e prática da virtude. Estes são 163 hinos de uma extensão média de cerca de 140 versos - um comprimento semelhante ao das canções de Dante Alighieri - que constituem catequese estendida e articulada, imbuídas de doutrina, paixão missionária, espiritualidade intensa. Os hinos, de acordo com alguns, são o opus maius (obra principal) de Montfort. Certamente, são o trabalho do qual emergem de forma não parcial a figura do santo missionário e a riqueza múltipla de sua pregação.

“”

Os hinos, de acordo com alguns, são o opus maius (obra principal) de Montfort. Certamente, são o trabalho do qual emergem de forma não parcial a figura do santo missionário e a riqueza múltipla de sua pregação.

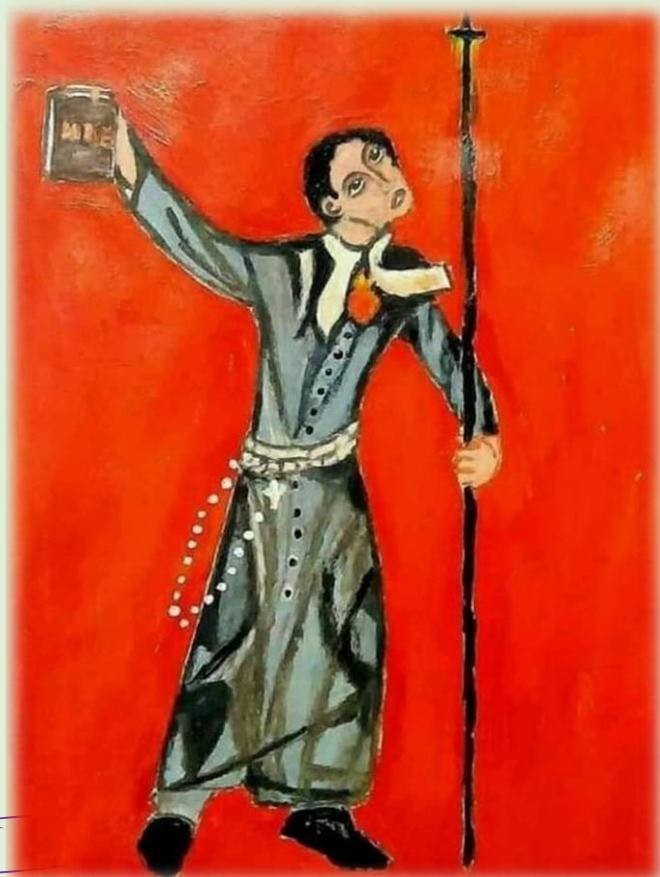


A coleção de canções monfortinas, já estudadas e apreciadas no passado, hoje goza de considerável atenção e crescente interesse. Em relação à Itália, em 2002, foi publicada uma versão poética completa de 883 páginas (Edições Monfortinas, Roma) com ampla introdução crítica, e com a reprodução do texto original francês na segunda parte do volume (p. 893-1717). Vale ressaltar, em especial, o seminário internacional sobre o estudo dos hinos, realizado em Roma em fevereiro passado, dividido em quatorze artigos, produzidos por especialistas de diferentes partes do mundo.

"Luís Maria Grignon de Montfort, incansável pesquisador do Absoluto, teólogo que escreve tratados sobre a sabedoria divina e a devoção à Maria, pregador incansável da Palavra, diretor de inúmeras conversões, também é um poeta místico que escreve centenas e centenas de versículos como instrumento de apostolado" (Giorgio Francini).

Montfort obviamente não é o primeiro a usar o canto popular para o anúncio do Evangelho: faz parte de uma tradição consolidada da missão popular na França, mas o faz de forma original e pessoal, percebendo através das canções um projeto catequético de ampla variedade, de uma pastoral concreta e espiritualidade profunda.

A composição dos hinos ocupou sua vida, desde a época do seminário de Paris, de acordo com o testemunho de João Batista Blain – seu codiscípulo e primeiro biógrafo – Montfort já escrevia hinos para sua futura missão.

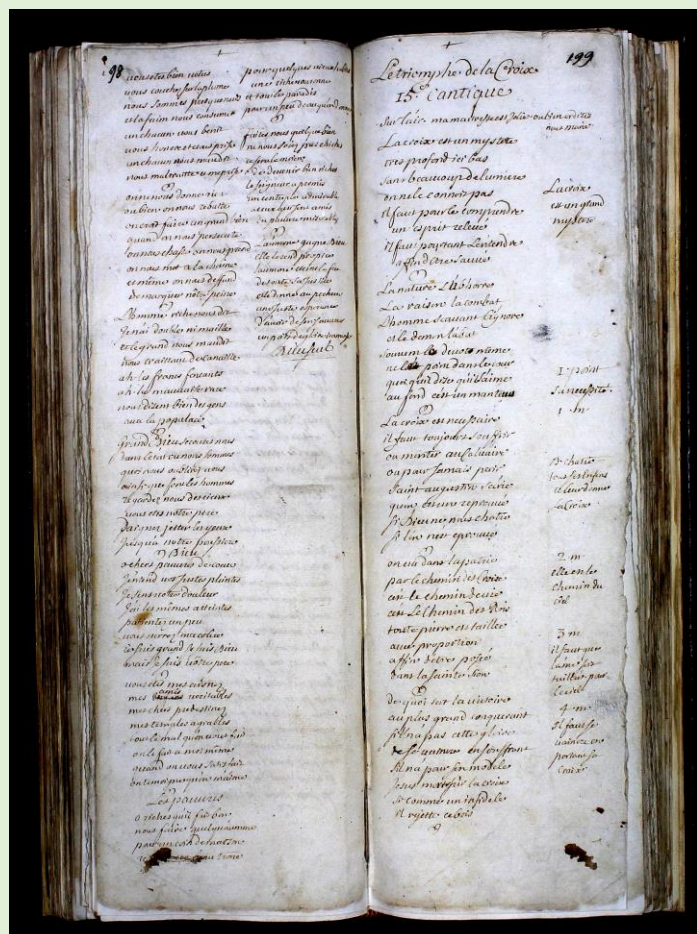




Sua poesia é a expressão e exigência de seu zelo missionário. Com García Lorca, ele poderia dizer: "Yo tengo el fuego en mis manos" (do espanhol, significa: eu tenho o fogo em minhas mãos). Sua poesia nasce do fogo do amor de Deus e da paixão pelo anúncio do Evangelho: "Cantemos todos e queimemos nas chamas/ Do zelo pela salvação das almas. / É o efeito do amor de Deus" (Cant. 21,1).

Montfort, embora possua uma veia poética incomum, graças à qual ele foi capaz de compor uma quantidade impressionante de versos, não é um poeta profissional, nem pretende ser. Ele traça um sulco profundo que o distingue, até o divide polêmicamente, dos poetas do mundo: "Isso não é para vos encantar, / Vós que pensais em rimar, / Grandes poetas, pessoas incômodas. / deixarei a outros vossos métodos" (Cant. 2,1). "Eis meus versos e minhas canções: / Se não forem belos, são bons, / Se não adulam os ouvidos / Eles rimam com belo sonido" (Cant. 2,39).

Ele canta pela glória de Deus e pelo amor das almas: "Façamos retinir o universo / Das nossas canções e dos nossos versos, / A fim de que Deus se glorifique / E o próximo se edifique" (Cant. 1,36).



Seus versos estão, portanto, a serviço da missão. O anúncio do Evangelho aos pobres é o gênero literário da coleção de hinos monfortinos, constitui a razão, o contexto vital e o objetivo. "Está feito, o meu giro pelo mundo, / Tomado por um humor vagabundo / Para salvar o meu pobre ao lado" (Cant. 22,1). "É a vós, Senhor, que eu viso; / Vós sois meu único intento, / A vós só, sem respeito humano / Eu calco aos pés o mundo e sua imagem" (ibid.,6). "Deus, Deus, Deus, eu canto para Deus, / Que todos me venham ouvir" (Cant. 3).

A coleção dos cânticos monfortinos é uma catequese extraordinária que considera todo o mistério da salvação, mas com acentuações diferentes dependendo da importância que os diversos temas tocam na vida cristã e no pensamento do santo. Por isso, certas razões são objeto de atenção privilegiada. **Em primeiro lugar, Deus, de quem a ação salvadora nasce e a quem a glória pertence, como é evidente no lema "Deus Só", colocado no fundo da maioria dos hinos, quase como uma assinatura e uma fórmula doxológica. Então Jesus Cristo, eterna e encarnada Sabedoria, que se manifesta supremamente na loucura da cruz. Finalmente, A Mãe do Senhor, a quem é dedicado grande parte do livro, intitulado "Canções da Santíssima Virgem" (n. 75-90), tudo contado pelo próprio Montfort.**



Os hinos repetem, com múltiplas variações, o que já estava claramente declarado em O Amor da Sabedoria Eterna e reiterado insistentemente no Tratado de Verdadeira Devoção, ou seja, que a presença de Maria e sua ação são inteiramente voltadas para o conhecimento de Cristo, que tudo isso faz parte de um misterioso projeto divino e visa a glória da Trindade. A serviço desse propósito e sempre neste contexto, La "Canzonière" apresenta muitos outros motivos, alguns amplamente desenvolvidos. A seção de abertura é dedicada às principais virtudes da vida cristã, começando pelas virtudes teológicas (em ordem: caridade, fé, esperança), seguidas por uma série de 10 canções sobre o desprezo do mundo, suas falsas alegrias e tristezas. Os Hinos 40-44 e 47-48 são dedicados ao Sagrado Coração de Jesus.

Em harmonia com o Ano Litúrgico, os hinos 57-66 apresentam excelentes meditações sobre o mistério do Natal, enquanto os seguintes, 67-73, são dedicados à Paixão do Senhor e terminam com a contemplação de Maria ao pé da Cruz (Cant. 74). Em seguida, vem um grande grupo de hinos dedicados à Virgem Santíssima (n. 75-90) como já mencionado, ao qual devem ser adicionados outros textos dispersos. Isso é seguido por uma série de hinos (91-99) sobre diferentes pessoas, chamados a viver a vida cristã de acordo com sua condição de vida particular. Os números 123-126 tratam da Cruz e da Sabedoria, enquanto o bloco 128-134 apresenta hinos ao Santíssimo Sacramento para todos os dias da semana.

Do número 135 até o final, há uma galeria de textos, com conteúdos diferentes, alguns previamente desenvolvidos e retomados, outros novos.

Como se pode ver, muitos assuntos são tratados em profundidade e merecem atenção adequada, como o recente seminário internacional em Roma tentou fazer, como acaba de ser mencionado. A extraordinária riqueza e variedade de hinos demonstra claramente que a fama de Montfort – como foi dito no início – depende de sua experiência e da doutrina mariana, mas sua missão e graça não se limitam a ela.

O Cancioneiro Monfortino, sem dúvida, reserva um lugar considerável para a Virgem – nunca isolada da Cristologia, da dimensão trinitária e do contexto da missão –, mas lida com muitos outros aspectos e dimensões da vida cristã. Em outras palavras, os hinos apresentam a figura e doutrina de Montfort em sua totalidade. **A Virgem Maria tem um lugar importante nele, mas sempre em relação vital com todo o mistério da salvação. Além desse contexto amplo e decisivo, teríamos uma visão parcial e unilateral: não seria a visão de Montfort. ■**

““

Seus versos estão, portanto, a serviço da missão. O anúncio do Evangelho aos pobres é o gênero literário da coleção de hinos monfortinos, constitui a razão, o contexto vital e o objetivo.



Obituário **missionário**

BIOGRAFIA DO FUNDADOR DO MOVIMENTO SECULAR E ECLESIAL "CONSECRATIO MUNDI"

Pe. Luka Cirimotic', SMM, *Missionário Monfortino*

Por Rosa Anna Colasuonno

Nascido em Janjevo (Kosovo) em 18 de agosto de 1929, Pe. Luka Cirimotic frequentou o ginásio de Pazin e Osijek. Durante seu serviço militar, ele completou a escola de oficiais da reserva.

Ele estudou teologia em Zagreb, foi ordenado padre em Skopje em 29 de junho de 1959, e foi imediatamente designado a uma paróquia. Após concluir seus estudos, no Natal de 1960, o bispo S. Franjo Cekada confiou-lhe as paróquias de Stubla e Binac.

Em ambas as paróquias, dois estábulos simples serviram como igreja. Ao custo de enormes dificuldades causadas pelo regime comunista e pela pobreza da população, mas confiando em Maria Santíssima, Pe. Luka conseguiu construir a igreja. Isso levou os paroquianos a uma profunda unidade entre si, e com Deus.

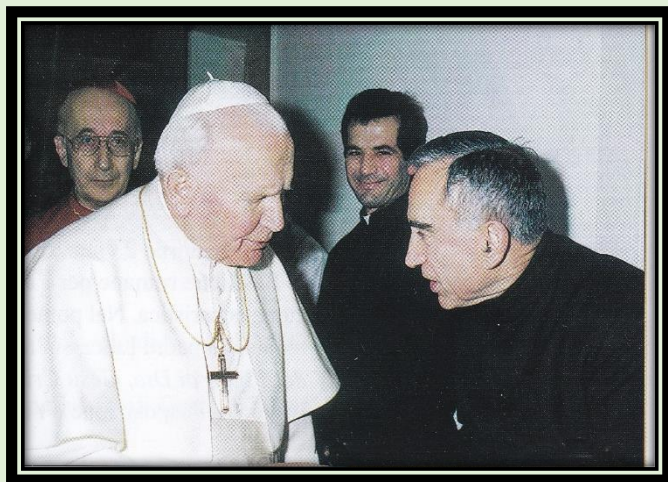
Ele considerou providencial ter sido capaz de verificar a importância da consagração a Jesus pelas mãos de Maria viva por todas as pessoas da paróquia, e especialmente pelos jovens. Muitos deles, de fato, graças também ao seu testemunho de vida sacerdotal coerente e ascética, tornaram-se padres e hoje trabalham na diocese ou como missionários na Albânia.



Pe. Luka Cirimotic', SMM



Com a ajuda da Virgem Maria, Pe. Luka finalmente obteve permissão do governo para construir a igreja, a casa paroquial e uma clínica médica para famílias pobres. Além disso, ele recebeu permissão para construir a via pública, após muitas propostas; este fato é uma fonte de admiração para muçulmanos e ortodoxos. Este é considerado um sinal profético de seu chamado para pavimentar o caminho para a Nova Evangelização e espiritualidade da consagração aos três Corações: a Maria Santíssima, a Jesus e a Deus, o Pai, através de uma nova teologia e prática pastoral.



Pe. Luka Cirimotic durante uma reunião com Sua Santidade João Paulo II, Cidade do Vaticano, Ano Santo 2000 do Grande Jubileu.

Durante o Concílio Vaticano II, Pe. Luka colaborou com o Bispo de Skopje, Dom Franjo Cekada, a quem faz uma breve reflexão sobre o cuidado pastoral da Igreja contemporânea. Este texto também foi entregue ao Prof. Ivan Golub, membro da Pontifícia Comissão Teológica em 2009.

Pe. Luka, sentindo nele um novo chamado vocacional, o mais próximo possível da espiritualidade da Consagração a Jesus por Maria, pede para ser aceito entre os Missionários Monfortinos.

Com a permissão do padre provincial, ele se matriculou no Instituto Pastoral da Universidade Lateranense. Após o primeiro semestre, preparou suas reflexões sobre a pastoral e as entregou ao presidente do Angelicum, Pe. Raimondo Sigmund, que, após ler o texto, lhe diz: "Eu li tudo de uma vez. Sou especialista em carisma no Conselho e digo a vocês: é o seu carisma, você deve escrever um livro sobre esse assunto". O texto é dado ao Reitor do Instituto Pastoral da Universidade Gregoriana, professor Domenico Grasso, que escreve estas palavras na última página: "Tudo verdade e beleza! É tudo sobre colocá-lo em prática. É o Conselho verificado.

Procurando uma resposta adequada à pergunta: como está a salvação que Deus oferece ao homem? Desenvolveu reflexões sobre a Cristologia, Mariologia e Eclesiologia Trinitária que, combinadas com a compreensão das razões do sofrimento e outros assuntos de grande importância, convergiram para formar o conteúdo básico da nova evangelização. Ele também desenvolveu um novo conceito da Espiritualidade da consagração aos Corações de Maria, Jesus e Deus, o Pai.



Pe. Luka Cirimotic' no centro da fotografia, com os "Consagrados a Jesus por Maria", Praça de São Pedro, Cidade do Vaticano: um encontro para todos os fiéis procurados por Sua Santidade João Paulo II, 25 de março de 1984.



Esses dois temas foram apresentados, pela primeira vez, em março de 1981 à Conferência Episcopal da Iugoslávia, que constitui um "Comitê para a Consagração dos Povos da Iugoslávia ao Imaculado Coração de Maria".

Um pregador incisivo, tenaz e zeloso, dotado de uma vontade forte e uma palavra ardente, Pe. Luka trabalhou incansavelmente para ter um Centro de Exercícios Espirituais em Medjugorje e primeiro fundou o Movimento "Amigos da Espiritualidade Montfortiana" e, em seguida, o Movimento Internacional Secular e Eclesial, "Consecratio Mundi". **Um teólogo profundo e afiado, ele deu à prática da Consagração a Maria uma base bíblica e teológica muito sólida, enfatizando o elo íntimo dessa realidade espiritual-humana com todos os temas da teologia sistemática.**



Grupo de fiéis se reuniu para uma das muitas aulas de exercícios espirituais lideradas pelo Pe. Luka Cirimotic" na Casa de Oração de S. Monte di Varallo, no Piemonte, em 1999.

A existência terrena do incansável e humilde missionário não estava livre do sofrimento físico devido à saúde precária. Ele também passou por mal-entendidos e adversidades de todos os tipos. Ele sabia como viver tudo em uma rendição dócil à vontade de Deus, à obediência à Santa Mãe Igreja e seus superiores. Seu caráter gentil, humilde, bom, generoso, afável, alegre e acolhedor para todos aqueles que se aproximaram dele, permitiu-lhe estabelecer relações, relações com muitas pessoas, desde os mais simples, os mais pobres e os mais humildes até os mais ricos e influentes nas diversas categorias sociais.

Dotado de uma profunda sensibilidade humana e uma compreensão paterna-materna em relação às pessoas mais frágeis e privado de uma vida de fé, o Pe. Luka foi capaz de acompanhar muitas pessoas em um caminho de conversão e crescimento da fé em Deus, à Trindade, através da forte convicção da intercessão-mediação da maternidade da Virgem Maria em direção a cada criatura de Deus e a ação todo-poderosa do Espírito Santo.

Atingido por um tumor pancreático, ele morreu na Macedônia, para nascer no Céu, em 23 de abril de 2006, o dia da festa da Divina Misericórdia.

O "caminho missionário espiritual" do Pe. Luka cruzou muitas veredas: Canadá, México, Perú, Colômbia e outros países da América Latina, bem como países africanos; na Europa, ele trabalhou particularmente em países do leste europeu. Promoveu na Rússia uma peregrinação do movimento "Consecratio Mundi" em homenagem ao Imaculado Coração da Virgem Maria; A Itália também, por vários anos, beneficiou-se de sua pregação teológica missionária – catequética.

Na Itália, ele foi chamado de todos os lados, de norte a sul, em mosteiros clausurados, institutos religiosos, paróquias, movimentos católicos, comunidades de crentes, associações familiares, todos ansiosos para conhecer e aprofundar a realidade espiritual da Consagração a Jesus por Maria para ser realizada na época de hoje, marcada por um processo sério de apostasia, indiferença religiosa e relativismo ético-moral-cultural.

Aqueles que o conheciam e o ouviram pregar testemunham, além de sua fé luminosa e fervorosa, ao seu extraordinário carisma sacerdotal e missionário, mantendo dele uma indelével memória.



Grupo de fiéis se reuniu para uma das muitas aulas de exercícios espirituais lideradas pelo Pe. Luka Cirimotic" na Casa de Oração de S. Monte di Varallo, no Piemonte, em 1999.

Vamos permanecer convencidos de que ele intercede do Paraíso para que o que ele começou com sua pregação fervorosa e providencial possa ser realizado na Igreja do Novo Milênio.

Conferências internacionais promovidas e animadas pelo Padre Luka Cirimotic para a apresentação e divulgação dos conteúdos da Nova Evangelização e da Espiritualidade da Consagração aos Três Corações a serviço da Igreja.

1ª Conferência – Roma, Festa da Anunciação, 1991, tema: "A importância da consagração";

2ª Conferência – Roma, 22 a 25 de março de 1992, tema: "A Virgem Maria e a Santíssima Trindade".

3ª Conferência – Loreto, 24 a 27 de março de 1993, tema: "A Virgem Maria, a Igreja";

4ª Conferência – Roma, 24 a 27 de março de 1994, tema: "Portadores da paternidade de Deus e da consagração do mundo";

5ª Conferência – Roma, 24 a 26 de março de 1995, tema: "O Espírito Santo na vida de Jesus, da Virgem Maria e da diocese";

6ª Conferência – Roma, 23 a 25 de março de 1996, tema: "Jesus-Homem, sua Mãe Santíssima e os homens em relação à Palavra de Deus através da encarnação e revelação";



7ª Conferência – Roma, 1 a 4 de maio de 1997, tema: "Conhecer melhor e receber Jesus Cristo, o único mediador entre Deus e os homens";

8ª Conferência – Loreto, 23 a 25 de março de 1998, tema: "O Espírito Santo na Trindade e na criação";

9ª Conferência – Loreto, 24 a 26 de março de 1999, tema: "Deus, o Pai, em relação à Santíssima Trindade e à criação";

10ª Conferência – Loreto, de 22 a 25 de março de 2000, Ano Santo do Grande Jubileu anunciado por Sua Santidade João Paulo II, tema: "A Trindade em relação à humanidade de Jesus, à Maria e à Igreja";

11ª Conferência – Loreto, 23 a 25 de março de 2001, tema: "O mistério do sofrimento à luz da Nova Evangelização";

12ª Conferência – Loreto, 15 a 17 de março de 2002, tema: "Jesus, Maria e a Igreja em relação ao pecado e à graça".

13ª Conferência – Loreto, de 4 a 7 de outubro de 2003, tema: "Oração, jejum e esmolas na vida de Jesus, Maria e dos homens".

14ª Conferência – Loreto, de 5 a 8 de dezembro de 2004, tema: "A Palavra Revelada e a vida escatológica do Jesus-Homem, a Virgem Maria, os anjos e os homens". ■

Consecratio
Mundi

Experiência Missionária

Que cruz, não ter cruz!



O que veremos a seguir é um testemunho missionário do Pe. Prem, Missionário Monfortino da Índia. O relacionamento com pessoas com dificuldades em vários campos, inclusive econômicos e de saúde, exige escuta e disposição para fazer mais da sua parte. É uma expressão de solidariedade com outras pessoas em dificuldade.

**Pe. Prem Kumar,
Missionário Monfortino da
Índia**

Queridos irmãos e irmãs em Cristo
Eu sou o padre Prem da Índia. Sinto-me feliz e privilegiado em compartilhar com vocês meu testemunho pessoal como Missionário Monfortino. Esta experiência particular encontra sua fonte nas Constituições dos Missionários da Companhia de Maria, n. 5, onde encontramos esta citação bíblica: "Deixando tudo, o seguiram" (Lc 5, 11).

São Luís Maria de Montfort compreendeu muito bem o que significa a disponibilidade total que Cristo exige dos seus discípulos para que o sigam e, com a sua ordem, saiam como os primeiros apóstolos para anunciar Cristo.

Inspirado pela disponibilidade total, imediatamente após a minha ordenação, em 2010, fui em missão aos Jesuítas no norte do estado de **Karnataka, na Índia**. Pobreza e seca reinavam ali; as pessoas não tinham escolas ou hospitais para cuidar delas. Desde o primeiro dia da minha missão, me encontrei com pessoas diferentes. Como viver sem estradas, sem meios de transporte e sem água potável? Apesar de morar na mesma província, fiquei tão surpreso ao ver essa região que não conhecia.

Na primeira noite no lugar onde dormi, ouvi pessoas gritando e correndo por toda parte em direção aos lugares mais altos, porque havia enchentes à noite e muitas casas e animais foram arrastados. As pessoas perderam tudo o que tinham; eles perderam suas casas, seus animais, suas plantações e muitos de seus vizinhos. Eles foram afetados física, mental e fisiologicamente por essa inundação. No dia seguinte comecei minha vida com pessoas que vivem sem nada. Começar a missão com essa primeira experiência não foi fácil.

Ao mesmo tempo, pedi às pessoas que ajudassem umas às outras com comida e um abrigo temporário. Eu estava aqui para observar as coisas que eles perderam e saber a ajuda que precisavam com urgência. Cobri cerca de 30 povoados nesta região, encontrando pessoas, falando com elas e tomando providências imediatas para sua sobrevivência.



Durante esse tempo, com a ajuda dos Jesuítas, continuei a atender às suas necessidades, embora quase todos fossem hindus e pobres. A maioria das crianças sofria de desnutrição. Muitas dessas crianças cuidavam dos animais e ajudavam os pais no campo, sem ir à escola. Durante todos esses dias, visitei os povoados, conversando com crianças, homens e mulheres adultos, para encorajá-los moral e materialmente. **Todas as tardes, eu os acompanhava para dar catequese a crianças e adultos, com o auxílio de parábolas, bem-aventuranças e histórias morais. Tratava-se de sobreviver à sua situação.**



Um dia, fui para um povoado chamado **Hulugunchi**. Encontrei as pessoas e voltei tarde da noite para dormir na casa, ao lado de uma pequena capela. A capela foi totalmente danificada pela enchente. Às três da manhã ouvi que chamavam na porta "Padre, Padre ...".

Fiquei com medo, mas achei importante abrir porque apenas uma necessidade muito urgente que geralmente leva as pessoas a chamarem um padre a essa hora.

Abri a porta e vi um casal. Eles queriam conversar comigo naquela hora. Sentei-me com eles e os ouvi. A senhora, chamada **T. Ayamma**, começou a contar as dificuldades que tinha. Este casal tinha cinco filhos e seu marido era o único que sustentava a família. Mas essa mulher sofria de câncer de mama e estava em estado terminal.

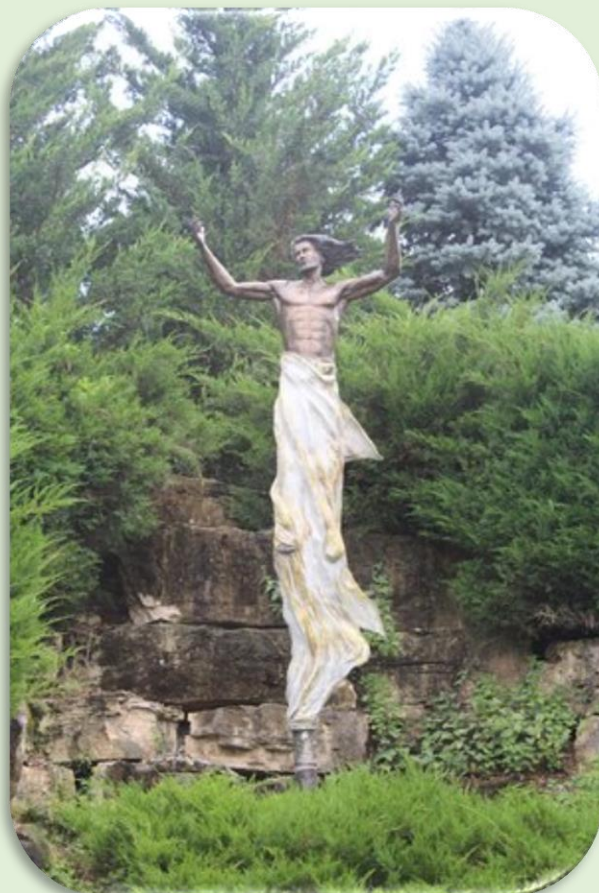
Ela estava tão doente que tinha uma ferida aberta no peito. Ela cobriu o ferimento com um pano para estancar o sangue, mas nunca o mostrou ao marido. Ela temia que o marido entrasse em estado de choque, morresse de repente, e ela não queria que seus filhos ficassem órfãos. Ela havia planejado cometer suicídio e estava prestes a consumir o veneno naquela noite. Ela não tinha outro meio de administrar a situação por causa da pobreza. Então, naquela noite, ela preparou bons pratos para o marido e os filhos e foi para a cama. Se levantou no meio da noite e deu uma última olhada no marido e nos filhos. Quando abriu e pegou a garrafa de veneno, antes que ela pudesse beber, ela se sentiu sendo observada de fora de sua cabana. Quando ela abriu a porta, viu uma pessoa vestida de branco dizendo-lhe para ir ver o padre em **Pannur**, onde morava. Então o casal caminhou por duas horas, à noite, para me ver.

Diante dessa situação, comecei a pedir ajuda às pessoas. Não encontrando ajuda suficiente, finalmente decidi escrever uma carta ao diretor do hospital para esta família, citando a oração de Montfort e Maria.

Em resposta, o hospital concordou e realizou a cirurgia. Posso dizer com alegria que, hoje, essa senhora vive e que toda a sua família se converteu ao cristianismo. Uma de suas filhas até entrou para uma congregação religiosa. Alguns dias depois, visitei essa família e descobri que havia uma cruz desenhada na parede. Eu perguntei quem tinha feito isso. Eles me contaram que um de seus filhos quando foi para o hospital. **Eu acredito no milagre da Cruz. Desde aquele dia, a cruz é um símbolo importante nessa família. No mesmo sentido, Montfort não disse, "que cruz, não ter cruz?"**

Ao longo deste episódio, meu papel era apenas estar disponível. E minha disponibilidade ajudou uma família a conhecer o poder da cruz. E eu peguei emprestada essa palavra da vida de Montfort. Jovem sacerdote, foi Montfort quem me inspirou esta liberdade de estar à disposição dos outros. Fico feliz em dizer que esses três anos de convivência com essas pessoas pobres foram a melhor experiência de meu sacerdócio até agora.

Hoje, somos convidados a testemunhar esta cruz que Montfort abraçou em sua vida. Tenho certeza que a leitura deste episódio familiar também nos iluminará para vivermos nossas cruzes e nossas dificuldades com uma perspectiva diferente. ■





“Deixando tudo, o seguiram” (Lc 5,11).

Notícias

Encontro com o Pe. Venant e o Pe. Simon no santuário mariano de Mugerá, Burundi

**Por Arnold SUHARDI,
de Gitega – Burundi**





Na terça-feira, 1º de junho, às 8h15, nós dois (padre Luizinho e eu) fomos a Mugerá no carro dirigido pelo padre Eugenio Cucchi. Conosco no carro estava o irmão Claude, um religioso junior. São necessários 45 minutos para chegar lá de carro. Mugerá está localizada na Província e Arquidiocese de Gitega.

Mugerá é considerada a capital espiritual deste país. A razão é que em 1961 os bispos deste país consagraram sua nação à Mãe do Salvador na Gruta de Nossa Senhora **construída pelo Pe. Achille Denis, o missionário branco, fundador dos Militantes da Santíssima Virgem, um instituto secular inspirado na espiritualidade monfortina.** Em Mugerá, existe também um seminário menor, onde o P. Achille Denis trabalhou.



Nosso objetivo era encontrar o Pe. Venant MPOZAKO, o coordenador da Fraternidade dos Sacerdotes de Maria Rainha dos Corações. Ele é o pároco da paróquia de Santo Antônio de Pádua em Mugerá e reitor do santuário de Nossa Sra de Lourdes de Mugerá.

E depois o Pe. Simon GISAYA, membro desta fraternidade e que a Conferência Episcopal do Burundi nomeou capelão de todos os movimentos espirituais-missionários inspirados em Montfort: Legião de Maria, Iniyegu (pessoas consagradas) e Amigos de Montfort.

O Pe. Venant nos recebeu calorosamente. Depois de visitar a igreja paroquial, cujo telhado está sendo reparado, dirigimo-nos para a gruta. No caminho, o Pe. Venant explica o que Mugerá significa para o país e para a Igreja Católica no Burundi.

Estávamos sozinhos diante da gruta. Em seguida, caminhamos em direção ao fundo da gruta. Ao chegar ao prédio principal para a animação dos peregrinos, chegou o Pe. Simon GISAYA. Nós quatro começamos a falar de nossos sonhos.

O Pe. Venant nos explicou que a Fraternidade não tinha estatutos no momento. Tem cerca de cinquenta padres diocesanos como membros. O papel dos Militantes da Santíssima Virgem é muito importante para ter o seu encontro anual todos os anos, em janeiro.

Ele nos conta que muitos padres no Burundi hoje nasceram em famílias cuja vida espiritual está ligada a Montfort, devido aos diferentes grupos que existem. Essas famílias geralmente exercem seu apostolado com simplicidade e humildade, de maneira nem sempre visível, mas muito eficaz nas aldeias para alimentar a fé cristã neste país.



Pe. Simon, Pe. Luizinho, Pe. Venant

Assim nasceu o desejo de conhecer melhor a Montfort. O Pe. Venant, por sua vez, deseja que a espiritualidade de Montfort prossiga sua obra de evangelização neste país.

O Pe. Luizinho e eu compartilhamos a emergência da necessidade de criar uma biblioteca virtual sobre Montfort: sua vida e seus ensinamentos. A ideia tornou-se realidade durante uma conversa entre o Pe. Simon e o Pe. Luizinho, quando o Pe. Simão veio ao seminário Monfortino em Gitega, na terça-feira, 25 de maio. Esta biblioteca será importante para os padres desta fraternidade, e mesmo para um público mais amplo. Eu mesmo irei regularmente enviar alguns artigos sobre Montfort para este grupo por e-mail ou WhatsApp.

“““

. O encontro com essas duas importantes figuras de sacerdotes para a divulgação da espiritualidade monfortina nesse país foi um momento místico, ou seja, um momento em que partilhamos a inspiração divina que reside em cada um de nós, para a vida espiritual e para a atividade missionária da Igreja neste país.



Por outro lado, o Pe. Venant expressou seu sonho de um dia ter a proximidade de um Centro de Espiritualidade Monfortina próximo ao Monte Mugerá. Sua finalidade seria ser um lugar de formação espiritual missionária para todos os movimentos ou grupos inspirados em São Luís Maria de Montfort. Ele encorajou os Missionários Monfortinos a considerar a possibilidade de tal realização.

Depois, encorajados por esses dois sacerdotes, personagens indispensáveis, a continuar a apresentar Montfort e as suas propostas espirituais, com ou sem o envolvimento dos Missionários Monfortinos que se encontram na paróquia de Bwoga e no seminário de Gitega.

Após essa troca de sonhos, fomos à casa das Militantes da Santíssima Virgem, que fica perto da propriedade, para tomar um represco e descansar. Somos recebidos pela irmã Geneviève, um dos cinco membros dessa comunidade. Ela nos serviu alguns refrescos e aperitivos. Depois disso, voltamos para Songa, Gitega, para nossa comunidade.

Esse encontro, embora simples, foi muito precioso. Não reside primeiro nas ideias que nasceram, mas no mesmo encontro. Construir pontes para aprender a se conhecer, comunicar-se e ver as possibilidades de cooperação mútua é algo muito importante a se fazer sempre que possível. O encontro com essas duas importantes figuras de sacerdotes para a divulgação da espiritualidade monfortina nesse país foi um momento místico, ou seja, um momento em que partilhamos a inspiração divina que reside em cada um de nós, para a vida espiritual e para a atividade missionária da Igreja neste país. ■



Destaque bíblico



"A mesa da Palavra"

Por Pierrette MAIGNÉ

18 de julho de 2021

*XVI Domingo do Tempo Comum –
Ano B*

Evangelho segundo Marcos (6,30-34)

*Os apóstolos se reuniram com Jesus
e contaram tudo o que haviam feito e ensinado.
Havia aí tanta gente que chegava e saía,
a tal ponto que Jesus e os discípulos
não tinham tempo nem para comer.*

*Então Jesus disse para eles:
"Vamos sozinhos para algum lugar deserto,
para que vocês descansem um pouco."*

*Então foram sozinhos, de barca, para um lugar deserto e
afastado.*

*Muitas pessoas, porém, os viram partir.
Sabendo que eram eles, saíram de todas as cidades,
correram na frente, a pé, e
chegaram lá antes deles.*

*Quando saiu da barca, Jesus viu uma grande multidão e
teve compaixão,
porque eles estavam como ovelhas sem pastor.
Então começou a ensinar muitas coisas para eles.*

O texto do Evangelho para o domingo 18 de julho (XVI Domingo do Tempo Comum) nos fala sobre o retorno dos discípulos da primeira missão. O primeiro convite de Jesus pode nos surpreender, mas é essencial: **"Vamos sozinhos para algum lugar deserto, para que vocês descansem um pouco"**.

Convida os discípulos a se distanciarem do que acabam de vivenciar, é o que Jesus fez e que Marcos conta no capítulo 1, 35. No dia seguinte ao seu primeiro dia de missão em Cafarnaum, **Jesus retirou-se para um lugar deserto para orar**. É para servir melhor que Jesus nos convida a tomar essa distância e esse descanso. Saber manter a distância certa em cada missão é essencial e fundamental, aproveitando o descanso e a oração para receber sempre a missão de Deus e não torná-la nossa missão.

A multidão os alcança e Jesus tem compaixão, não pode fugir dessa multidão, a expressão de Marcos é muito forte: **suas entranhas se mexeram, teve compaixão**. O que é comovente é que essa multidão reúne ovelhas sem pastor. Na Bíblia, o tema de Deus pastor do seu povo é frequente e a 1ª leitura e o salmo desse domingo são o seu eco.



A primeira ação de Jesus é ensinar essa multidão: nós não conhecemos o conteúdo deste ensinamento de Jesus, mas Marcos insiste muito nisso em seu Evangelho.

Antes de alimentar a multidão de Pão (a passagem que se segue é a multiplicação dos pães) Jesus alimenta a multidão com o seu ensinamento, ele os satisfaz com a sua Palavra.

Nem sempre aqueles a quem Deus confiou para guiar o seu povo foram modelos, mas muitas vezes mostraram-se deficientes, até mesmo maus pastores, indignos da missão que lhes foi confiada. Mas Deus não abandona o seu povo e promete a Israel, na pessoa do Messias, um bom pastor. Jesus não quer fugir da sua missão e por isso cuida dessa multidão que o segue.

É uma boa ocasião para nós, nesse domingo, tomar consciência da importância de Deus como alimento para a nossa vida cristã e dar uma atenção muito particular a essa primeira parte da Eucaristia que é a "Mesa da Palavra" que precede "a mesa do Pão". ■





MISSIONÁRIOS MONFORTINOS

Tel (+39) 06-30.50.203 ; Fax (+39) 06 30.11.908 ; Viale dei Monfortani, 65, 00135, Roma - ITALIA;
E-mail: rcordium@gmail.com ; <http://www.montfortian.info/amqah/>

